

DEMOCRACIA EM COLAPSO: REFLEXÕES À LUZ DO PENSAMENTO FEMINISTA

Ingrid Daniely Vale dos Santos¹

UFRN: <https://orcid.org/0009-0008-8024-3067>

DOI: [10.21680/1982-1662.2024v7n40ID35574](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2024v7n40ID35574)

Resenha: DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERICI, Silvia. **Democracia para quem?** Ensaios de resistência. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

Democracia para quem? Ensaios de resistência, publicado no final de 2023 pela editora Boitempo, condensa as reflexões de três proeminentes intelectuais do movimento feminista contemporâneo: Angela Davis, Patricia Hill Collins e Silvia Federici. O livro é estruturado a partir de palestras que aconteceram de 15 a 19 de outubro de 2019, no âmbito do seminário internacional "Democracia em Colapso?", promovido pelo Sesc São Paulo e pela Editora Boitempo, na cidade de São Paulo.

Ao longo das últimas cinco décadas, essas pensadoras desempenharam papéis fundamentais na redefinição dos paradigmas do feminismo que surgiram no contexto pós-Segunda Guerra Mundial. Desde os anos 1960 e 1970, uma gama de nuances antes subestimadas emergiu no âmbito deste movimento, evidenciando uma pluralidade de vozes e perspectivas. O feminismo das mulheres trabalhadoras, periféricas e negras ganhou destaque como uma força impulsionadora, caracterizada por uma radicalidade intrínseca que supera as manifestações feministas anteriores. Nesse contexto, questões classistas e raciais passaram a ser integralmente consideradas em cada batalha travada pelo movimento, enriquecendo sua agenda e abrangência.

A primeira seção é protagonizada por Angela Davis em diálogo com a jornalista Adriana Ferreira da Silva² enfatiza a influência da "lógica colonizadora" na

¹ E-mail: ingrid.vale.072@ufrn.edu.br

² Adriana Ferreira da Silva é jornalista especialista em estratégias e conteúdo digitais, e editora voltada a pautas interseccionais como recorte de gênero, representatividade e inclusão. Atuou nos últimos vinte anos como repórter e editora de mídia impressa e colunista na rádio CBN. Entre seus projetos recentes

representação da humanidade através de uma ótica predominantemente branca, associada à história de escravização e colonização. Essa lógica instaura uma hierarquia interna dentro da categoria de seres humanos, sendo igualmente imposta pelos cidadãos dos Estados Unidos sobre as populações das Américas (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 27). Davis argumenta que a ideologia burguesa, apesar de defender a liberdade como princípio, revela seu oposto, uma vez que sua capacidade civilizatória sempre foi intrinsecamente contraditória. Em sua fase contemporânea, diante da crise estrutural, essa ideologia tem demonstrado esgotamento e expressado de maneira violenta suas relações sociais de dominação, expropriação, opressão, exploração e alienação. Nesse mesmo sentido, Friedrich Engels se refere à análise crítica dessa contradição:

É sintomático do caráter especificamente burguês desses direitos humanos que a Constituição norte-americana, a primeira a reconhecer os direitos humanos, tenha, no mesmo fôlego, confirmado a escravidão dos negros vigente na América do Norte: as prerrogativas de classe foram excomungadas, e as prerrogativas de raça, santificadas (Engels, 2015, p. 173).

Na perspectiva de Angela Davis, ao considerarmos as lutas históricas das mulheres negras em todo o hemisfério, torna-se evidente que a democracia não pode ser plenamente alcançada sem a participação delas. Por outro lado, quando as mulheres negras avançam em direção à liberdade, elas não representam apenas a si mesmas, mas também suas comunidades negras, indígenas e pobres, que enfrentam a exploração econômica, a opressão de gênero e a violência racial. "Quando as mulheres negras se levantam, o mundo se levanta conosco. [...] Uma democracia que exclui pessoas negras não tem nada de democrática, uma democracia que exclui mulheres negras não tem nada de democrática" (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 29).

De acordo com Davis, é imperativo que os intelectuais norte-americanos se dediquem ao aprendizado e compreensão das contribuições significativas oriundas do movimento negro brasileiro. Essa necessidade advém, em grande parte, do impacto cultural e religioso do Candomblé, assim como da influência intelectual de Lélia Gonzalez. Além disso, Davis destaca e valoriza o movimento de trabalhadoras domésticas no Brasil, reconhecendo-o como um exemplo notável de resistência e luta por direitos sociais e laborais. Tal ênfase sugere a importância de uma perspectiva

está a concepção, criação e produção do Power Trip Summit, primeiro e maior encontro de liderança feminina do Brasil.

intercultural na análise dos movimentos sociais e na construção de diálogos transnacionais em estudos étnicos e de gênero (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 38).

Por fim, Davis aborda a questão do abolicionismo penal e o aumento no encarceramento feminino no Brasil em 700%, durante o período de 2006 a 2016. Ela analisa essa tendência no contexto do impacto mais amplo do capitalismo global sobre os sistemas de punição. Especificamente, Davis aborda como a ordem social institucionalizada tem influenciado a evolução dos sistemas penais, conduzindo à adoção de métodos desumanos para a geração de lucro (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 49). Angela Davis expressou profunda admiração por Marielle Franco (1979- 2018)³ e a reconheceu como um símbolo internacional da luta contra o racismo, a violência do Estado e a opressão das mulheres, especialmente as negras e de comunidades marginalizadas. Davis destacou a importância de Marielle Franco não apenas para o Brasil, mas para movimentos sociais em todo o mundo, enfatizando sua morte como um chamado à ação contra as injustiças sistêmicas. Davis também ressaltou a necessidade de solidariedade internacional na luta por justiça para Marielle e contra o avanço do fascismo e da repressão a movimentos sociais.

A segunda seção apresenta uma síntese de mais de 30 anos de reflexões de Patrícia Hill Collins sobre questões relativas à interseccionalidade como teoria crítica, tomando como ponto de partida a obra de 1990, *Black Feminist Thought: Knowledge* até sua mais recente obra *Intersectionality as Critical Social Theory* (2019). A autora é interpelada por Winnie Bueno⁴ e Raquel Barreto⁵. Para Collins, "o discurso de feminismo negro é tanto intelectual quanto político ao mesmo tempo" (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 67).

³ Marielle Franco foi uma política, feminista e ativista dos direitos humanos brasileira. Nascida e criada na favela da Maré, no Rio de Janeiro, Marielle dedicou sua vida à luta contra a violência policial, a discriminação racial e a desigualdade social, enfocando especialmente nas comunidades afro-brasileiras e nas mulheres. Eleita vereadora do Rio de Janeiro em 2016 pelo PSOL, Marielle tornou-se conhecida por sua luta incansável em favor dos direitos humanos. Sua vida foi tragicamente interrompida em 14 de março de 2018, quando foi assassinada a tiros em um ataque que também vitimou seu motorista, Anderson Gomes. O assassinato de Marielle provocou indignação internacional e mobilizou movimentos sociais em todo o mundo, transformando-a em um símbolo global da luta contra a violência do Estado e a opressão.

⁴ Winnie Bueno é bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS), mestre em Direito pela Universidade do Vale do Rio Sinos (Unisinos/RS), e doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É autora do livro *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins* (Zouk Editora, 2020) e atua como consultora nas áreas de combate ao racismo, diversidade de gênero e justiça social.

⁵ Raquel Barreto é doutoranda em história pela Universidade Federal Fluminense e autora de dissertação de mestrado sobre o pensamento de Angela Davis e Lélia Gonzalez. Pesquisa no doutorado as relações entre o Partido dos Panteras Negras, imagem e revolução.

Collins estrutura sua exposição em cinco eixos temáticos, o primeiro aborda a concepção de uma narrativa centrada exclusivamente nas sensações associadas ao feminismo negro, uma abordagem que enfatiza as experiências vividas e a expressão emocional como elementos cruciais de discussão e análise. O segundo tópico é dedicado à "política de esperança" e explora como as aspirações e a positividade podem moldar a resistência e a mobilização dentro do feminismo negro. O terceiro tema trata da "interseccionalidade", aspecto central na construção da obra de Collins. A autora ressalta de modo similar ao de seu livro que a interseccionalidade *ainda não é*, mas "está a caminho de se tornar uma teoria social crítica" (Collins, 2022, p. 14), habilitada a investigar os desafios sociais contemporâneos e oferecer meios para enfrentá-los. Apesar de tratar da interseccionalidade e estar no Brasil, Collins não menciona o trabalho de Lélia Gonzalez (2020, p. 56) que, já na virada para os anos 1970, discorria sobre o fenômeno da "tríplice discriminação" vivido pela mulher negra no Brasil. O quarto eixo, "ação política", discute as estratégias e práticas através das quais o feminismo negro busca efetivar mudanças sociais e políticas. Por fim, o quinto tópico abrange "políticas formais", analisando o papel das estruturas e instituições estabelecidas na perpetuação ou no combate à desigualdade e à injustiça.

Por fim, a última seção aborda a perspectiva de Silvia Federici em diálogo com Eliane Dias⁶ e Bianca Santana⁷, são abordadas as temáticas da democracia e da caça às bruxas. Federici inicia o debate a partir da temática da "democracia em colapso"; para a autora, "o sistema começa com conquista, colonização, escravidão, caça às bruxas e, de diferentes maneiras, continua nesse caminho até o presente" (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 96). A exemplo disso estão as guerras vividas no Iêmen, na Palestina, na Rússia e na Ucrânia atualmente. Nesse sentido há uma interpretação de que ocorre uma ressignificação das expropriações fundantes promovidas

Ao definir a democracia sob o princípio de autodeterminação, destacada pelo enunciado "governo do povo, pelo povo" – uma noção proeminentemente veiculada nos Estados Unidos –, e ao interpretar a democracia como a promessa de um acesso

⁶ Eliane Dias é advogada, empresária, ativista política e feminista. É também produtora de Mano Brown, Racionais, RZO, Altinss e 5PRAI. Em 2017, foi eleita a melhor empreendedora musical do ano pelo *Womens Music Event Awards*.

⁷ Bianca Santana é escritora, mestre em educação e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Suas áreas de pesquisa são a memória e a escrita de mulheres negras. Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero, onde foi professora, é autora de *Quando me descobri negra* (Sesi-SP, 2015) e de *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro* (Companhia das Letras, 2021). É ativista do movimento negro e contribui com a articulação da Coalizão Negra por Direitos.

igualitário aos recursos naturais para toda a população, Federici afirma ser levada a conclusão inescapável de que esse ideal nunca foi integralmente concretizado dentro do âmbito do capitalismo moderno. A autora propõe uma reflexão perspicaz e impactante acerca do papel fundamental das mulheres na sociedade. Ela desafia os ouvintes a engajarem-se em um exercício de imaginação: remover as mulheres da esfera da existência e ponderar sobre as consequências imediatas de tal ausência, especialmente no que tange à questão de quem assumiria as responsabilidades laborais na segunda-feira subsequente (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 102).

Silvia destaca o trabalho doméstico, distinguido no movimento feminista dos anos 1970, identificado como uma forma singular de produção, focada na criação e sustentação de força de trabalho ao invés da manufatura de bens materiais. Esse reconhecimento surgiu particularmente quando mulheres negras se engajaram no movimento após as mulheres brancas, destacando a importância do labor doméstico no contexto socioeconômico. A campanha das Mães pela Assistência Social exemplifica a tradução dessa percepção em ação política, e critica a contradição do Estado que se beneficia do trabalho dos filhos da comunidade em várias frentes, mas se omite no suporte à sua criação. (Davis; Collins; Federici, 2023, p. 101).

Para Federici (2004), a caça às bruxas é entendida não apenas como um episódio histórico específico ocorrido na Europa entre os séculos XV e XVIII, mas também como um fenômeno central para compreender a transição para o capitalismo e a relação deste sistema com a opressão das mulheres. Em sua fala, Federici demonstra continuidade com sua obra *Caliban and the Witch: Women, the Body, and Primitive Accumulation* (2004), ao argumentar que a caça às bruxas foi um aspecto crucial da acumulação primitiva, servindo como um meio de reprimir e controlar o corpo e a sexualidade das mulheres, e de dismantelar os laços comunitários e as práticas de solidariedade.

A perseguição das bruxas, é compreendida por Federici (2004) como um processo de expropriação, que não apenas pavimentou o caminho para a economia capitalista ao despossuir as mulheres de seus conhecimentos e autonomia, mas também contribuiu para a criação de uma divisão sexual do trabalho profundamente desigual. Este processo estava intimamente ligado à emergência do trabalho assalariado e à consolidação do poder patriarcal, ambos fundamentais para a lógica do capitalismo. Além disso, Federici (2004) expande o conceito de caça às bruxas para

incluir formas contemporâneas de violência contra as mulheres e de expropriação, argumentando que mecanismos similares de marginalização e despossessão continuam operando no capitalismo moderno, especialmente em contextos de neoliberalismo e globalização.

Nesse mesmo sentido, Fraser e Jaeggi (2020) compreendem o capitalismo como uma ordem social institucionalizada ao separar produção da reprodução, a sociedade humana da não humana, e a exploração da expropriação. Essa perspectiva realça as divisões e separações institucionais inerentes ao capitalismo, as quais desempenham um papel fundamental na sua operacionalização. Entre as divisões constitutivas do capitalismo, destaca-se, inicialmente, a separação institucional entre a produção econômica e a reprodução social. Esta divisão é marcada por uma dimensão de gênero, que não apenas funda formas especificamente capitalistas de dominação masculina, mas também facilita a exploração capitalista do trabalho, sustentando assim a acumulação de capital de modo oficialmente sancionado (Fraser; Jaeggi, 2020).

Além disso, a distinção entre economia e política exclui deliberadamente questões econômicas das pautas políticas dos Estados, permitindo ao capital uma mobilidade transnacional sem precedentes, beneficiando-se de uma ordem hegemônica global enquanto se esquiva da regulação política. Outra divisão significativa é a separação ontológica entre o "natural" não humano e o "humano" aparentemente não natural, uma dicotomia pré-existente ao capitalismo, mas exacerbada por ele (Fraser; Jaeggi, 2020, p. 71). Neste contexto, a separação ontológica elucidada como o capitalismo manipula e explora tanto os recursos naturais quanto as forças de trabalho humanas, tratando ambos como commodities a serem exploradas para a maximização do lucro. Por fim, a diferenciação institucionalizada entre exploração e expropriação estabelece as bases para práticas capitalistas específicas de predação imperialista e opressão racial, reforçando assim as dinâmicas de poder intrínsecas ao sistema (Fraser; Jaeggi, 2020).

As três ativistas destacam o papel central do patriarcado, da exploração das mulheres e do racismo na criação e hierarquização de etnias e grupos, apontando-os como obstáculos fundamentais a serem superados para alcançar uma democracia verdadeira e a plena garantia dos direitos individuais e coletivos. Elas enfrentam vigorosamente a tentativa de despolitização ao rotular as lutas feministas e

antirracistas como meramente "identitárias", uma vez que suas agendas, estratégias de mobilização e objetivos políticos visam a construção de um presente e futuro equânime para todos os membros da sociedade, desafiando as estruturas existentes e propondo novos modelos de convivência baseados no bem comum. Através de suas análises lúcidas, *Democracia para quem?* emerge não apenas como um diagnóstico dos desafios presentes nas sociedades contemporâneas em decorrência do capitalismo global, mas também como um chamado à ação para aqueles comprometidos com a construção de um futuro mais justo e equitativo.

Referências

- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERICI, Silvia. **Democracia para quem? Ensaio de resistência**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FEDERICI, Silvia. **Caliban and the witch: women, the body, and primitive accumulation**. New York: Autonomedia, 2004.
- FRASER, N.; JAEGGI, R. **Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flavia Rios, Márcia Lima. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar: 2020.

Recebido: 13 mar 2024

Aceito: 01 jun 2024